

PORTVGALIA

MATERIAES PARA O ESTUDO DO POVO PORTUGUEZ

SEPARATA DO TOMO II, FASCICULO I

T, 6

Rocha Peixoto

ETHNOGRAPHIA PORTUGUESA

ILLUMINAÇÃO POPULAR

Com 36 illustrações no texto, desenhos de D. Clotilde da Rocha Peixoto, Francisco Gil,
Hugo de Noronha, Igo de Pinho, Joaquim Aroso e José Pinho



BIBLIOTECA E MUSEU
MUNICIPAL
— DA —
Povos de Varzim

PORTO
IMPRESA PORTUGUEZA
112, Rua Formosa, 112

1905

PORTUGALIA

MATERIAES PARA O ESTUDO DO POVO PORTUGUEZ

SEPARATA DO TOMO II, FASCICULO 1

Rocha Peixoto

ETHNOGRAPHIA PORTUGUESA

ILLUMINAÇÃO POPULAR

Com 36 illustrações no texto, desenhos de D. Clotilde da Rocha Peixoto, Francisco Gil,
Hugo de Noronha, Igo de Pinho, Joaquim Aroso e José Pinho



PORTO
IMPRENSA PORTUGUEZA
112, Rua Formosa, 112

1905



ILLUMINAÇÃO POPULAR

Os dois meios iniciais da produção de fogo, pela percussão e pelo attrito, não obstante a sua simplicidade rudimentar que recua a descoberta aos tempos prehistoricos mais remotos, tornavam-se, entretanto, penosos e lentos. D'ahi e porque o emprego do fogo breve fosse indeclinavel, cuidou-se em conserva-lo, uma vez obtido, como recurso maravilhoso e até divino. A multiplicidade das applicações, os beneficios da sua acção, o seu brilho incomparavel constituíam attributos que logo o sagraram, trasendo-o a intervir nas mais diversas formas cultuaes. E assim, ou em ceremonias religiosas de breve duração ou permanentemente em certos ritos, o lume purificador e divinizado assistia perenne e rutilante.

Na antiguidade greco-romana em cada casa se conservava sempre o fogo vivo, de dia crepitando, de noite amortecido sob a cinza e na alvorada seguinte de novo despertado por um sarmento. Inditosa a habitação onde o lume se extinguisse: fogo morto, familia extincta! Só em março, precedendo um ritual, se accendia o lume novo ¹ no mesmo altar em que, aliás, jámais desaparecera.

Com a chamma sagrada honravam-se os deuses e os mortos; e o christianismo, herdando do mundo pagão, a bem dizer, o mesmo rito, ainda hoje mantem a tradição nas suas solemnidades humildes ou esplendidas. Assim sobrevivera a formula «povoar de fogo e logo» como exprimindo fazer casa e n'ella residir, ou a de casal de *fogo morto* (*foco mortuo* no seculo XIII) designando o que está deshabitado ²; assim se legitimava pelo adagio *De bom logo, bom fogo* ³ a avaliação concisa e suggestiva do estado d'uma casa; assim se insinuou no moderno vocabulario demographico a archaica denominação de fogos; assim prevalecera o habito de buscar o lume na residencia do parcho, como se o fogo, faltando a todos, existisse sequer onde estava o sacerdote!

¹ FUSTEL DE COULANGES, *La cité antique*, pags. 21-2. Hachette ed. Paris, 1895.

² VITERBO, *Elucid.*, I, voc. *Fogo morto*, pag. 470; II, voc. *Logo*, pag. 98. Lisboa, 1798.

³ BLUTEAU, *Vocab.*, IV, voc. *Fogo*, pag. 154. Coimbra, 1713.



Fig. 1

A relativa difficuldade de se obter lume, explicando melhor est'ultima referencia, por igual dá o sentido do antigo costume minhoto de cobrir á noite as brasas com cinza para despertar o fogo na manhã seguinte. Antes da vulgarisação da accendalha chimica, obte-lo era trabalhoso e muito mais conserva-lo. Com o brasido áleria, para percorrer a casa de noite bastavam hastes de abrotea já seccas e previdentemente reservadas para tal. Assim persistiu o uso do asphódelo ou gamão em Castro Laboreiro e na Serra d'Arga, no Soajo, em todo o concelho de Montalegre, na Campeã, nas serras de Bornes e Nogueira e em Terra de Miranda. E o mesmo destino já archaico mantem ainda, por economia, o emprego do trocho de urzeira em Terras de Barroso; a silva e a *gandra* ou vara de urze branca, colhida depois da *ucha* (queimada) na Cabreira; a *saganha* ou *carranha* (carrasca) trasida do alto, pelos pastores das vezeiras, no Gerez; os *guiços de carquejo*, despojos carbonisados após as queimadas na Serra da Amarella; os *murracos*, por fim, ou sejam as cascas de vidoeiro enroladas e já seccas, em Lindoso. Mas a duração d'essas luzes é breve, como breve o da *isca de coiro* obtida com a umbella d'um cogumello do Gen. *Boletus*, o *B. igniarius*, L., basidiomyceto «pro fomite inservit»¹. Conservar a brasa era, pois, o recurso d'outr'ora e nomeadamente onde não seria facil obter a pederneira.

O silex, entretanto, percutido até á idade do ferro por uma pyrite, foi ulteriormente mais ou menos empregado na serra e na ribeira. Em fins do seculo XVIII um viajante estrangeiro encontrava os habitantes da Azinheira, logar situado a uma legua de Rio Maior, occupados na manufactura de pedras para isqueiros. O silex apparecia em fragmentos n'uma areia avermelhada e, naturalmente, procedia d'uns montes proximos d'onde fôra, para o logar, transportado pelas aguas. Com um ferro os homens fracturavam as pedras em estilhas grossas que logo aperfeiçoavam em quadrados muito perfeitos, trabalhando com habilidade e precisão e podendo fabricar diariamente umas dusetas. Era d'alli que sahiam para o paiz, que se exportavam para Hespanha e que se fornecia o Estado para a armaria do exercito². E foi ainda n'essa localidade que, volvido um seculo, alguem encontrou o mesmo fabrico e até conseguiu que immediatamente lhe imitassem pontas de lança e outros objectos da mais surprehendente analogia com os artefactos neolithicos que aos operarios o archeographo exhibira³.

O isqueiro ter-se-hia vulgarisado principalmente com os progressos do uso do tabaco; e não obstante as actuaes disposições prohibitivas ainda a sua utilização subsiste occultamente: o *cornipo* no planalto barrosão e

¹ BROTERO, *Flora Lusitanica*, Pars II, pag. 468. Olisipone, 1804.

² *Voyage en Portugal*, par M. LE COMTE DE HOFFMANSEGG, rédigé par M. LINK et faisant suite à son voyage dans le même pays. III, pag. 250. Paris, An XIII (1805).

³ M. VIEIRA NATIVIDADE, *La taille du silex au XIX siècle*. Alcobaça, 1893.

no Soajo (*galhípo* em Lindoso) é um toro de chifre de bode, vedado com discos de cortiça e incluindo farrapos de linho chamuscado ou medulla de sabugo; com um fragmento de quartzo leitoso regional obteem a fáiſca e logo o fogo necessario para o fumo.



Fig. 2

O processo da fricção dos dois paus, muito mais demorado ainda que ess'outro e agora só usado nos povos semi-barbaros, persistiu comtudo



Fig. 3

nos ritos cultuaes do brahmanismo como recordação do meio pelo qual primitivamente se obtinha a grande, a divina luz. Em alguns povos ás mulheres ainda cabe a funcção de vigiarem a conservação do fogo, como na Roma antiga cumpria ás vestaes; e n'outros, extinguindo-se, preferem ir busca-lo a tribus arredadas, do que substituí-lo, provocando-o ¹.

Fonte de calor e de luz, a suppressão d'essa riqueza constituíra até uma punição cruel e irreparavel: em certa região da bacia do Lima a quem violasse os usos e costumes recusava-se-lhe o lune, impedia-se-lhe o accesso á fonte e não se lhe fallava mais. Era a pena que em Rôma se dizia «interdictio aquæ et ignis»; era a morte civil ².

Os *resineiros*, melhor do que o gamão, a silva, a carqueja e a urze, forneceram um dia uma luz mais duravel e intensa. Usavam-se ainda no norte do paiz ha trinta annos, obtendo-se dos toros de pinheiros derribados e propositalmente salientes fóra da terra um palmo e mais. Depois da amputação o toro permanecia no solo preso á raiz; e opportunamente desbastado em cascas, utilisava-se depois na vida caseira (Famalicão,



Fig. 4

Ponte de Lima, villa do Soajo, etc.) Embora raramente este processo de iluminação ainda ha pouco era de uso em certas regiões do planalto central da França, permittindo sufficientemente, nas cosinhas, a regular execução de varios trabalhos manuaes ³.



Fig. 5

Até ao dominio romano os brandões formados com as fibras de madeira resinosa eram as unicas luminarias que o grego usara ⁴—como ainda hoje sobrevive o mesmo

¹ J. DENIKER, *Les races et les peuples de la Terre*, pag. 182. Schleicher ed. Paris, 1900.

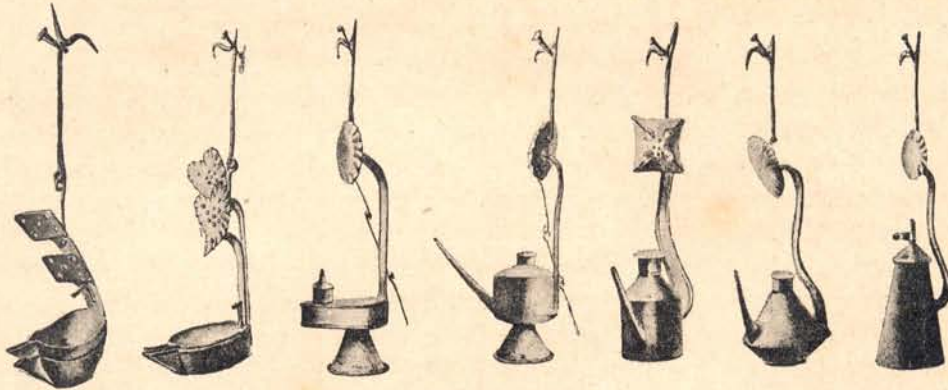
² ÉMILE DE LAVELEYE, *De la propriété et de ses formes primitives*, pag. 273. Alcan ed. Paris, 1891.—OLIVEIRA MARTINS, *Quadro das instituições primitivas*, nota de pags. 108-9. Pereira ed. Lisboa, 1893.

³ ALPHONSE AYMAR, *Les maisons-types du Cantal*, in *Enquête sur les conditions de l'habitation en France*, II. Leroux ed. Paris, 1899.

⁴ A. RICH, *Dict.*, voc. *Taeda*, pag. 624, col. 2.^a F. Didot ed. Paris, 1861.

costume nas aldeias da Troada ¹! Com uns feixes de pinho mais ou menos espessos, simples até ás guerras medicas, depois já monumentaes, illuminavam os gregos os caminhos, faziam os signaes em tempos de guerra, celebravam rituaes dos cultos e veneravam os deuses e os heroes. Eileithyia, deusa do parto, representava-se empunhando um d'esses fachos, investida, como estava, no dom de trazer as creanças á luz do dia ²!

Tambem na Etruria e em Roma se usara primitivamente esse brandão, extinto, todavia, muito cedo, pela descoberta ou adopção d'outros meios de illuminação mais



Figs. 6 a 12

efficases. Apenas subsistiram, através de todo o progresso industrial, para as viagens nocturnas, como ainda persistem entre nós os murracos de vido, os guiços de urgueira e de carqueja, as *lumieiras* de colmo que de noite guiam nos caminhos e logares escuros e ainda as *fachas* com que, para certa pesca, se desvairam os cardumes (Cavado, Tamega, etc.)

Do facho ao archote e á vela era minuscua a distancia. Substituída a fibra de madeira pela mecha de junco ou de estopa e occupando o logar da resina o sebo ou a cera, o romano, e presumivelmente antes d'elle o etrusco, achou a *candella* e o *ce-reus* ³. Os christãos apoderaram-se logo e para sempre do invento; dispõem-a junto aos tumulos dos seus martyres ou em face dos seus santos veneraveis, como antes, já accessorio religioso, o pagão as multiplicara nos altares e nos sanctuarios das suas divindades; passa de certos rituaes do paganismo para outras festas populares christianisadas, das quaes a Candelaria, entre outras, é um despojo já tenue e apagado; com a opulencia da Egreja os supportes primitivos, inicialmente á semelhança dos mais simples das necropoles da Etruria ⁴, ascendem, como no esplendor romano, á magnificen-

¹ HENRI SCHLIEMANN, *Ilios*, pags. 82 e 443. F. Didot ed. Paris, 1885.

² DAREMBERG & SAGLIO, *Dict.*, voc. *Fax*, de E. POTTIER, II, 2^{ème} partie, pags. 1026-8. Hachette ed. Paris, 1896.

³ DAREMBERG & SAGLIO, *Dict.*, vocs. *Candella* e *Cera*, I, 2^{ème} partie, pags. 869 e 1020.

⁴ OSCAR MONTELIUS, *La civilisation primitive en Italie depuis l'introduction des métaux*, pags. 481-2 do texto e figs. 1, 2 e 3 a da pl. 103, serie B do atlas. Stockholm, 1895. — JULES MARTHA, *L'art étrusque*, fig. 362 de pag. 527. F. Didot ed. Paris, 1889.

cia dos candelabros, tocheiras e ciriaes; desenvolve-se uma vasta industria que se regularisa com estatutos, arruamentos e prerogativas e que nas solemnidadss publicas, civis



Fig. 13

ou liturgicas, deslumbra com a sua representação decorativa e architectonica ¹; na vida ordinaria os modestos castiças de argilla, de folha de ferro e de latão generalisam a adopção do mesmo recurso illuminante; a vela é voto, da altura do corpo, do peso da pessoa, até de arrobas, ordinariamente enfeitada com festões, silvas e relêvos (fig. 1, Porto), como outr'ora o facho grego orlado de corôas, filetes e grinaldas ²; por fim é quasi santificada, é amuleto—*a vela benta*—que quando accesa livra do raio e abranda ou afasta, para o maninho, a trovoadá!

Do mesmo passo o conhecimento dos oleos vegetaes ou mine-
raes e ainda o das gorduras dos animaes domesticados determina-
ram a invenção das primeiras lampadas, porventura já datando dos tempos neolithi-



Fig. 14

cos ³ mas authenticamente remontando ao fim da edade do

bronze ⁴. E ainda hoje alguns dos mais grosseiros combustiveis solidos ou liquidos são empregados por populações cujo estado social é parallelo ao d'essas civilisações já bem longinquas. É o caso dos esquimós utilizando o oleo de phoca ou de baleia em grandes calotes de terra secca ao sol e que lhes serve, a um tempo, para illuminação e aquecimento ⁵; é entre nós o costume de fundirem em vasilhas de barro ou de ferro os figados da raia e da pescada, do cação e da papoula, da lixa e da ferreta, do peixe-gato e da sardinha para assim obterem (Povoa de Varzim, etc.) a *graxa* abomi-

navel com que d'est'arte os pescadores illuminam o interior da habitação; é em Cas-

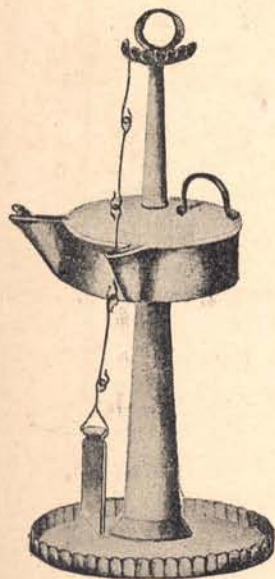


Fig. 15

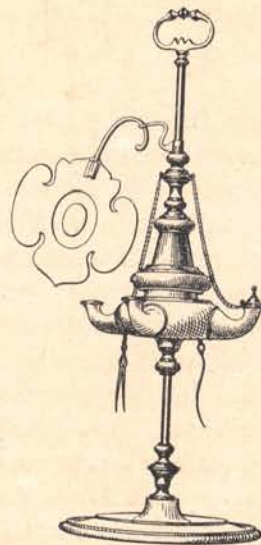


Fig. 16

¹ VITERBO, *Elucid.*, voc. *Candeia*, I, pag. 232. — SOUSA VITERBO, *Artes e artistas em Portugal*, XI, *Armadores e cerieiros*, pags. 277-82. Ferreira ed. Lisboa, 1892. — O MESMO, *As candeias na industria e nas tradições populares portuguezas*, in *Portvgalia*, I, pags. 365-8 e 629-31. Porto, 1900-1.

² DAREMBERG & SAGLIO, *Dict.*, fig. 1072, I, 2^{ème} partie, pag. 869.

³ LEITE DE VASCONCELLOS, *As religiões da Lusitania*, I, pag. 243. Lisboa, 1897.

⁴ HOUGH, *Histoire de l'éclairage*, in *L'Anthropologie*, XIII, pag. 200. Masson ed. Paris, 1902.

⁵ DENIKER, ob. cit., pag. 200.

tro Labreiro e outros logares minhotos o uso ainda frequente do sebo derretido n'um caço de telha ou loiça concava.

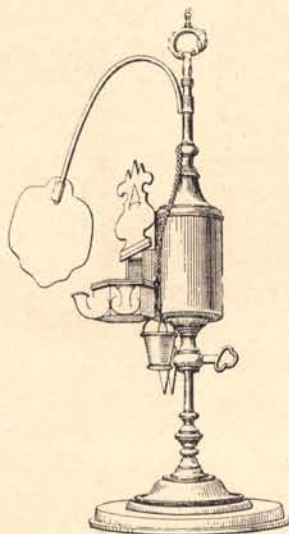


Fig. 17

Baixo Alemtejo ² e pelo Algarve (fig. 3, Serpa e Lagos), sobrevive á sua invenção no uso privativo de adegas e lagares.

Modificando-se, a asa de suspensão e a protecção do oleo por meio d'uma cobertura apenas perfurada para a introdução do liquido combustivel foram os progressos mais uteis a contar. Mas simultaneamente ou antes mesmo da adaptação do disco, algumas lampadas romanas surgiram de ansa disposta de maneira a serem suspensas d'uma superficie vertical ³. Com essas se assemelhavam as que, ha algumas dezenas de annos, eram empregadas nas illuminações do convento de Santa Clara do Porto ⁴ e que, naturalmente, não constituíam formas privativas d'esta instituição religiosa (fig. 4).



Fig. 18

¹ HOUGH, ob. cit., pag. 201.

² M. DIAS NUNES, *A olaria em Serpa*, in *A Tradição*, II, pag. 168 e fig. da est. de pag. 165. Lisboa, 1900.

³ DAREMBERG & SAGLIO, *Dict.*, voc. *Lucerna*, de J. TOUTAIN, pags. 1322 e 1334.

⁴ Uma missão official n'este convento extinto deu ensejo ao A. de observar algumas d'essas lucernas de barro vermelho e fosco, com evidentes signaes de numerosas combustões. Por antigas serventuarias da instituição houve a noticia referida; e não obstante a deterioração de quasi todos os exemplares logrou separar alguns que actualmente se encontram no Museu Municipal do Porto. — No Museu provincial de antiguidades de Barcellona, que o A. visitou posteriormente á redacção do texto, encontram-se, sob os n.^{os} 2181-2, 2201 e 2901, lucernas romanas que, afóra a suspensão em asa, são como as do suprimido mosteiro.

Antes, porém, do rostro ser um anexo da calote, os bordos d'esta dobrados para o interior em goteira poderiam constituir exclusivamente o bico, como fôra na India e pela Syria ¹. O certo é que nas mais antigas lampadas carthaginesas, aliás de dois bicos, se obtinham assim, sendo essa lucerna proto-punica, com verniz mas sem disco, o mesmo typo ainda usado em algumas ilhas do Mediterraneo, como na de Malta e na de Gozzo, em necropoles primitivas da Sardenha e do sul da Hespanha, em Carthago e em Saida, a antiga Sidon; e de resto, com um suporte vertical e um pé, é ainda esta a lampada dos arabes actuaes ²!

Ora em Thomar, embora com um só bico, fabrica-se uma lampada de barro (fig. 5), cujo simile mais proximo na forma e mais remoto na ascendencia legada ou imitada se encontra nos despojos funerarios dos primeiros tempos de Carthago!

Alcançado o apuro do bico nitidamente separado, da asa para condução ou suspensão e do disco protector do combustivel, a multiplicidade das lampadas de reservatorio circular, oval ou angular, de rostro duplo, triplo e superior, das ornamentadas com relêvos de extensa variedade e admiravel execução, ou emblematicos dos cultos e dos mythos, ou commemorativos das scenas historicas, ou symbolicos dos episodios heroicos, ou narrativos de todos os aspectos da vida ordinaria, constitue um dos ensinamentos mais educativos da arte, do culto e da vida social na antiguidade romana ³.

Vulgarisára-se o emprego do azeite, ulteriormente já sustentado sobre agua, e que fôra desconhecido em Roma até Tarquinio o Antigo ⁴; adoptára-se mais a



Fig. 20

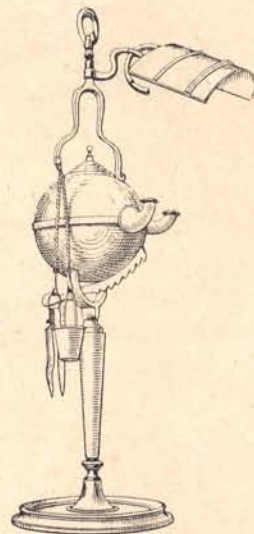


Fig. 19

¹ HOUGH, ob. cit., pag. 201.

² DELATRE, *Les lampes antiques du Musée de Saint-Louis de Carthage*, pags. 1-3 e fig. 1. Lille, 1889. — O MESMO, *Nécropole punique de la colline de Saint-Louis*, Lyon, 1896, a golla do vaso médio da col. 2.^a na est. de pag. 25. — G. BONSOR, *Les colonies agricoles pré-romaines de la vallée du Bétis*, figs. 114-5 e pags. 115-6 (Extr. da *Rev. Archéologique*, xxxv, 1899). Leroux ed. Paris, 1899. — DAREMBERG & SAGLIO, *Dict.*, voc. cit., fig. 4576, pag. 1323; e ainda pag. 1333.

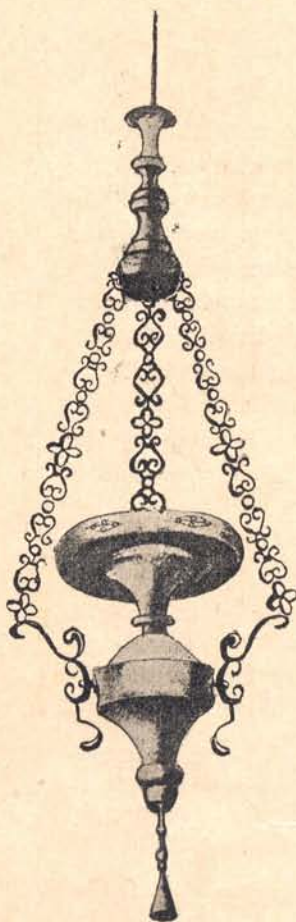
³ Independentemente dos trabalhos modernos cumpre não esquecer, apesar dos defeitos do tempo, a exuberancia illustrativa e litteraria de algumas obras menos recentes que se occuparam da illuminação na antiguidade. Citaremos apenas: BERNARD DE MONTFAUCON, *L'antiquité expliquée et représentée en figures*, v, 2^{ème} partie. Paris, 1.^a ed. de 1719, 2.^a ed. de 1722. — *Lucernæ fictiles Musei Passeri*, 3 vol. in-4.^o Pisauri, 1739-51.

⁴ JOACHIM MARQUARDT, *La vie privée des romains*, trad. de VICTOR HENRY, II, pag. 294. (Tom. xv do *Manuel des antiquités romaines*, par TH. MOMMSEN, J. MARQUARDT et P. KRÜGER). Fontemoing ed. Paris, 1893.



mecha de linho, embora persistisse o uso, como ainda hoje no littoral e na serra, do tecido poido que lega o *morrão*; e quanto á mecha embebida em enxofre, o da quarta especie que descreve Plinio ¹, sobrevivera com outro destino—o mesmo que, ainda ha alguns annos, em todo o Minho determinava a existencia caseira das torcidas passadas pelo enxofre derretido n'um caco e que, suspensas n'um logar da cosinha, eram opportunamente as accendalhas de então.

O mobiliario subsequente, e nomeadamente o popular, procede ainda em grande parte do schema inicial da lucerna. Nas candeias temos, em primeiro logar, a forma já extincta da candeia de barro na Serra de Arouca e a bem primitiva dos mineiros de agua, no Alto Minho, redusida a um reservatorio levemente dilatando em bico á frente e posteriormente prolongado para o alto por uma estreita lamina de suporte. A candeia ordinaria de ferro, que antes da introdução do petroleo era common em todas as habitações ruraes e nas cidadinas do povo e que, em Penafiel sobretudo, deu margem a uma larga e prospera industria ², é ainda, fundamentalmente, a lucerna—planifi-



Figs. 21 e 22

¹ *Histoire Naturelle*, de PLINIE, trad. de E. LITTRÉ, tom. II, liv. XXXV, § I, pag. 491, col. 1.^a Dubochet, Le Chevalier et Cie eds. Paris, 1850.

² *Relatorio apresentado... ao presidente da Commissão districtal do inquerito ás industrias*, etc., pag. 29. Porto, 1881.— JOSÉ AUGUSTO VIEIRA, *O Minho pittoresco*, II, pag. 514. Pereira ed. Lisboa, 1887.

cada a base e substituída a asa pela lamina superior e vertical de suspensão (fig. 6, Penafiel). N'estas e nos modelos similares de folha de ferro (fig. 7, Povoia de Varzim),

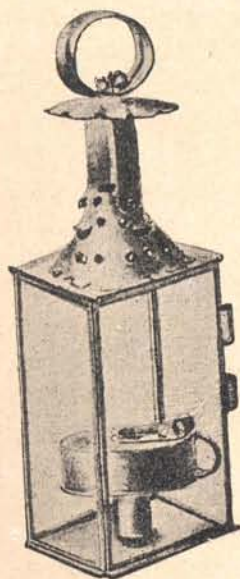


Fig. 23

duplicou-se o recipiente, comportando o interior o liquido combustivel e passando para o exterior todo o residuo. Mas tambem em alguns modelos se annexou á interna a tampa em disco, o qual, para a renovação do oleo, se abre verticalmente nas de folha e nas de latão se levanta por corrente ¹. Á lamina annexa-se uma haste de ferro terminada em gancho que se introduz no mancebo de pau ou velador ², precisamente como as lampadas romanas de bronze com hastes articuladas para serem suspensas de pregos. E ainda como a estas juntassem um fio de metal para erguer a torcida e reavivar a chamma ³, tambem nas nossas, para a similitude ser mais completa, ou lhe prendem, de alto, arames articulados, ou mantem, para o mesmo effeito, um palito no recipiente:

Burro de ferro,
Albarda de linho,
Tiquele, tiquele,
Com um pausinho.



Fig. 24

A estas formas se podem referir as populares francesas, em mais rapida extincção, de argilla ou de folha de ferro, usadas outr'ora de norte a sul e por igual com reconhecidos ascendentes analogos gallo-romanos ⁴.



Fig. 25

A propagação mercantil do oleo mineral veio modificar a configuração do reservatorio, conservando o utensilio, todavia, o aspecto geral do seu antecessor. O recipiente passa a ser geralmente um tronco de cone ou um cylindro, ao qual se solda lateral e obliquamente um tubo por cuja extremidade a mecha afflora (figs. 8 a 11, Penafiel; fig. 12, Coimbra). Se é para suspender, mantem-se as hastes e gancho da candeia inicial; se é para pousar, ou directamente (fig. 13, Ponte de Lima), ou sobre um suporte cylindrico com prato de bordo cannelado (fig. 14, Arcos de Val de Vez), ou repousando em trez SSS, ainda o aspecto constructivo é o mesmo dos que primordialmente, com um ou mais bicos, e lembrando os dos arabes actuaes, se empregavam ao tempo em que o azeite era o combustivel mais usado.

¹ SOUSA VITERBO, *As candeias* cit., in *Portugalia*, I, figs. 2 e 3, pags. 366-7.

² IDEM, ob. cit., fig. 1, pag. 366.

³ DAREMBERG & SAGLIO, *Dict., Lucerna* cit., pags. 1322 e 1334.

⁴ A. VINCHON, *Lampes antiques encore en usage dans certains de nos départements*, in *Bulletins de la Societé d'Anthropologie de Paris*, VII, 4.^a serie, pags. 615 e 621, figs. 1 e 5. Masson ed. Paris, 1896.

Certos, já a desaparecerem (fig. 15, Coimbra), estabeleciam a passagem d'estes ultimos para os famosos candeeiros de latão que, por sua vez, tambem se extinguem. Foram em dilatados tempos os utensilios de iluminação domestica mais vulgarizados por entre as classes medianas, popularizando-se nomeadamente aos primeiros rebates de desthronisação. A sua factura, em certos centros, constituía uma das principaes fontes de receita da latoaria, industria popular actualmente desviada para outros fabricos e cuja applicação á manufactura de candeeiros é apenas subsidiaria em Bragança, em Coimbra, no velho bairro da Sé do Porto, em poucos mais.

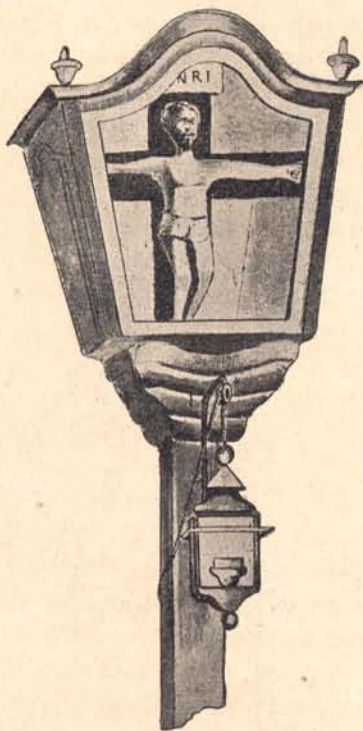


Fig. 26

Para a realização d'un candeeiro executavam-se separadamente as peças: o *pé*, composto do disco de apoio e da vara ou *columna* erguida ao meio e para o alto; o *deposito* ou reservatorio do azeite; a *tampa* ou disco protector; a *chave* com a qual se elevava o recipiente á altura desejada; a *chapa* ou pára-luz; os annexos, por fim, suspensos de correntes e com as denominações que o seu emprego logo explica — *balde*, *atiçador*, *espevitador* e *apagador*. O reservatorio podia ter trez *bicos*, menos frequentemente dois, mais raro um; e o seu manejo ou se limitava a ascensões verticaes ao longo da vara, ou se complicava até á realização de movimentos obliquos para cima e para baixo ou ainda lateraes, dictados estes ultimos pela abundancia ou indigencia do liquido combustivel.

Fabricados por processos simplistas — modelação prévia em areia e aperfeiçoamento ao torno e a lixa — modestissimos de preço, muitos surgiram, entretanto, que, sem attingirem a concepção e execução artistica dos seus congeneres de Hespanha, assumiram, no plano constructivo, desembaraçado e audaz, na graça dos accessorios, no debuxo filigrannado d'uma zona do pára-luz, na adaptação do recipiente a figurados de realidade ou de imaginação, nos escrupulos de acabamento, por ultimo, um nobre, lindo e gracioso ar de movel decoral (fig. 16, Coimbra; figs. 17 a 20, Lisboa).

Todavia não é grande o afastamento do que não fosse já concebido e realizado pelo romano. O reservatorio, observado separadamente, é ainda a lucerna de trez rostros; a esta tambem em Roma se addicionára um pé adherente, terminado, á maneira de alguns candelabros, pelas trez patas leoninas; em outras lampadas, não pousadas mas suspensas de cadeados, egualmente com trez bicos, se annexavam os accessorios de erguer a mecha, avivar a chamma ou extinguir a luz¹; e como em alguns dos nossos

¹ DOMENICO MONACO, *Les monuments du Musée National de Naples*, pl. 118. Naples, 1893.

candeeiros o reservatorio imitasse uma fauna real ou illusoria, por egual na antiguidade latina, entre a variedade das suas adaptações, lá surgiam serpentes, dragões e basiliscos ¹.



Fig. 27

A exuberancia decorativa das lampadas romanas, não egualada ulteriormente, ainda nos dá, n'outra applicação da luminaria pelo azeite, o exemplo precursor das modernas sobrevivencias nos templos christãos. São as varias suspensões de lampadarios, figurando aves mythicas ou serpes, dragos e chimeras (figs. 21 e 22, matriz de Villa do Conde), sós ou associadas n'um hybridismo de explicação enlaçada a remotas concepções do mundo pagão. A fertil inventiva da antiguidade romana, profusa na sua ornamentação floral e faunística, grotesca e erudita, amorosa e mythica, modelando Sileno e Pan ou Triton e Eros ², a cabeça villã d'um burro ou um Genio cavalgando um golphinho ³, imprimiu indelevelmente, ainda n'este insignificante pormenor, a sua influencia até agora prolongada e funda. Não são raros os lampadarios ornamentaes de figuração illogica com a indole dos templos que illuminavam, geralmente e ininterruptamente no altar da Eucharistia—como outr'ora no sanctuario de Athena Polias, sobre a Acropole, uma mecha de linho fino chammejava, n'uma lampada de ouro, noite e dia ⁴!

Para estas lampadas o reservatorio é simplesmente a cuba de vidro, á maneira da *lamparina* d'outr'ora tão empregada de noite para velar medrosos e doentes. Esta cuba, porém, veda-se superiormente, abrindo-se apenas os orificios de injeccão e da mecha no utensilio de folha de ferro usado nos lampeões da lavoura (fig. 23, Porto), nos que, em tempos idos, precederam os actuaes dos carroções transmontanos, nos das cadeias e nos das ermidas, nos das alminhas (figs. 24 e 25, Arcos de Val de Vez) e nos dos cruzeiros (fig. 26, Povia de Varzim). Frente a estes, ás capellas, aos ediculos dizendo picturalmente as penas que castigarão os peccadores, crepita com frequencia uma chamma alimentada pelo azeite dos devotos, como na Roma pagã, ante os deuses, ardia o mesmo azeite das offerendas—costume religioso e tambem funerario que os christãos logo adoptaram, suspendendo lampadas das abobadas das capellas e das cryptas ⁵.



Fig. 28

¹ DAREMBERG & SAGLIO, *Dict., Luc. cit.*, pag. 1333.

² IDEM, *Dict., Luc. cit.*, pag. 1325.

³ FERNANDO FULGOSIO, *Estudio sobre algunas lucernas de bronce del Museo Arqueológico Nacional*, in *Museo español de antigüedades*, I, pag. 631 e segs. Madrid, 1872.—O MESMO, *Candelabros y lucernas de bronce del Museo Arqueológico Nacional*, in *Museo cit.*, II, pags. 429-44. Madrid, 1873.

⁴ DAREMBERG & SAGLIO, *Dict., Luc. cit.*, pag. 1321.

⁵ MARTIGNY, *Dict. des antiquités chrétiennes*, voc. *Lampes chrétiennes*, pag. 352, col. 2.^a Hachette ed. Paris, 1865. O auctor insurge-se contra as indefectíveis heranças do paganismo (pag. 351), o que não admira tendo em conta a sua profissão.

O reservatório de folha de Flandres é ainda a *griseta* das illuminações populares, d'antes empregada principalmente nos *cópinhos* e alternando com a calote de olaria repleta de sebo fundido. Para a fixação aos lampeões soldava-se-lhe inferiormente um curto tubo, á semelhança do appendice que, como uma haste e na lucerna romana, servia para a introduzir no fuste d'um candelabro.



Fig. 29

Já nas lanternas a vela foi ordinariamente preferida á *griseta*. Era de uso acompanhar os cadáveres ou o viatico em ocasiões de pressa e de mau tempo (Castro Laboreiro, etc.) com lanternas de folha de ferro (fig. 27, da igreja de Tavadre e fig. 28, do Museu da Figueira, seculo XVIII) vasadas lateralmente e na cupula para illumina-

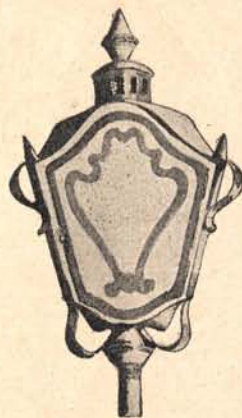


Fig. 30

rem e renovarem o ar; ora os movimentos bruscos da marcha por maus pisos determinava a preferencia n'este emprego, desnecessaria emtanto nas formas similares e diminutas das de uso de noite pelos caminhos. Com caixilho metallico, cupula em forma de tronco de cone, orificios para o ar e asa superior ou lateral, ainda n'este caso semelhante utensilio não divergia muito do romano, com a sua armadura de cobre, sempre cylindrico, tampo hemispherico com crivo, paredes translucidas, como o chifre e a bexiga, e ao deante transparentes, como o vidro ¹.

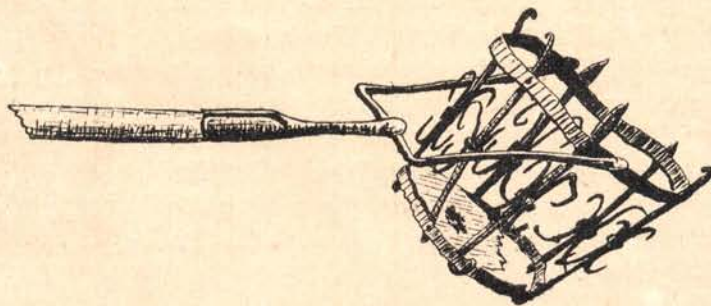


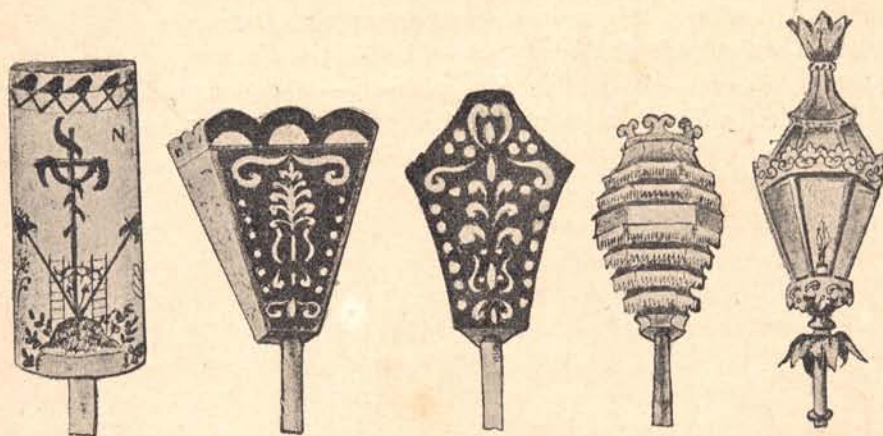
Fig. 31

A par d'essas lanternas de folha vasada, subsistem outras em numerosas aldeias minhotas, beirãs e transmontanas, nas quaes as asas são substituídas pelos varaes com que se empunham nos sahimentos, ladeando o palio ou a cruz (fig. 29, de Brenha, con-

¹ JOSEPH DÉCHELETTE, *L'esclave à la lanterne*, in *Rev. Archéologique*, XL, pag. 353. Leroux ed. Paris, 1902.

celho da Figueira; fig. 30, de Arco de Baulhe, concelho de Cabeceiras de Basto). O crivo figura então symbolos religiosos, o calix e a hostia, a cruz e a custodia, como nos tempos proto-christãos a figuração da cruz monogrammatica e da equilateral, pombas e peixes, outros symbolos mais ¹. Analogas á de Brenha são ainda as de prata, do seculo XVII, que se encontram em Santa Cruz de Coimbra e que por igual teem identicas em Amorim e Nabaes (littoral do Minho) e Pitões (Traz-os-Montes).

De resto, em certas festividades religiosas, além dos cirios e tochas habituaes, ou núas, ou envolvidas superiormente com um cylindro de papel ornamentado ou emble-



Figs. 32 a 36

matico (Braga), outros cortejos se formavam com as lanternas imitativas das processionaes. Era, outr'ora geral, hoje mais raramente, nas festas de Passos e na noite de quinta-feira de Endoenças. Vestigios obliterados dos antigos fogareos (Braga, Coimbra, Amarante, etc.)—varas com cestos de arame ornamentados ao alto e pinhas ardendo (fig. 31, Amarante)—este cortejo ainda hoje se pratica em algumas localidades do norte e do centro (Povoa de Varzim, Figueira da Foz, etc.) e tenuemente rememora, desfigurada decerto, a antiga solemnidade dos brandões ². Na realisação d'essas lanternas (figs. 32 a 36, Povoa de Varzim), como semelhantemente nas que conduzem á cabeça adultos e rapazes na vespera de S. João (Porto), cuidava-se, com muita antecedencia e orgulho, no embellesamento do envolucro, ou fosse pela forma, ou pelos recortes do vasado, ou pela figuração dos symbolos adquados, ou pelos accessorios ornamentaes em froculos, em borlas e em tulipas.

A illuminação, pois, desde os vestigios dos cultos e apreços iniciaes, uns referentes á produção, outros á conservação do lume, passando pelos despojos de ritos distantes e vindo até ás solemnidades actuaes catholicas ou christianisadas, exhibe-nos ainda hoje um educativo depoimento da sobrevivencia de costumes cuja origem vae quasi ol-

¹ G. M. TOURET, *Lampes chrétiennes antiques du Cabinet de France*, in *Rev. Arch.* cit., III, 3.^a serie, pags. 197-205, 1884.—MARTIGNY, *Dict. cit.*, pag. 352.

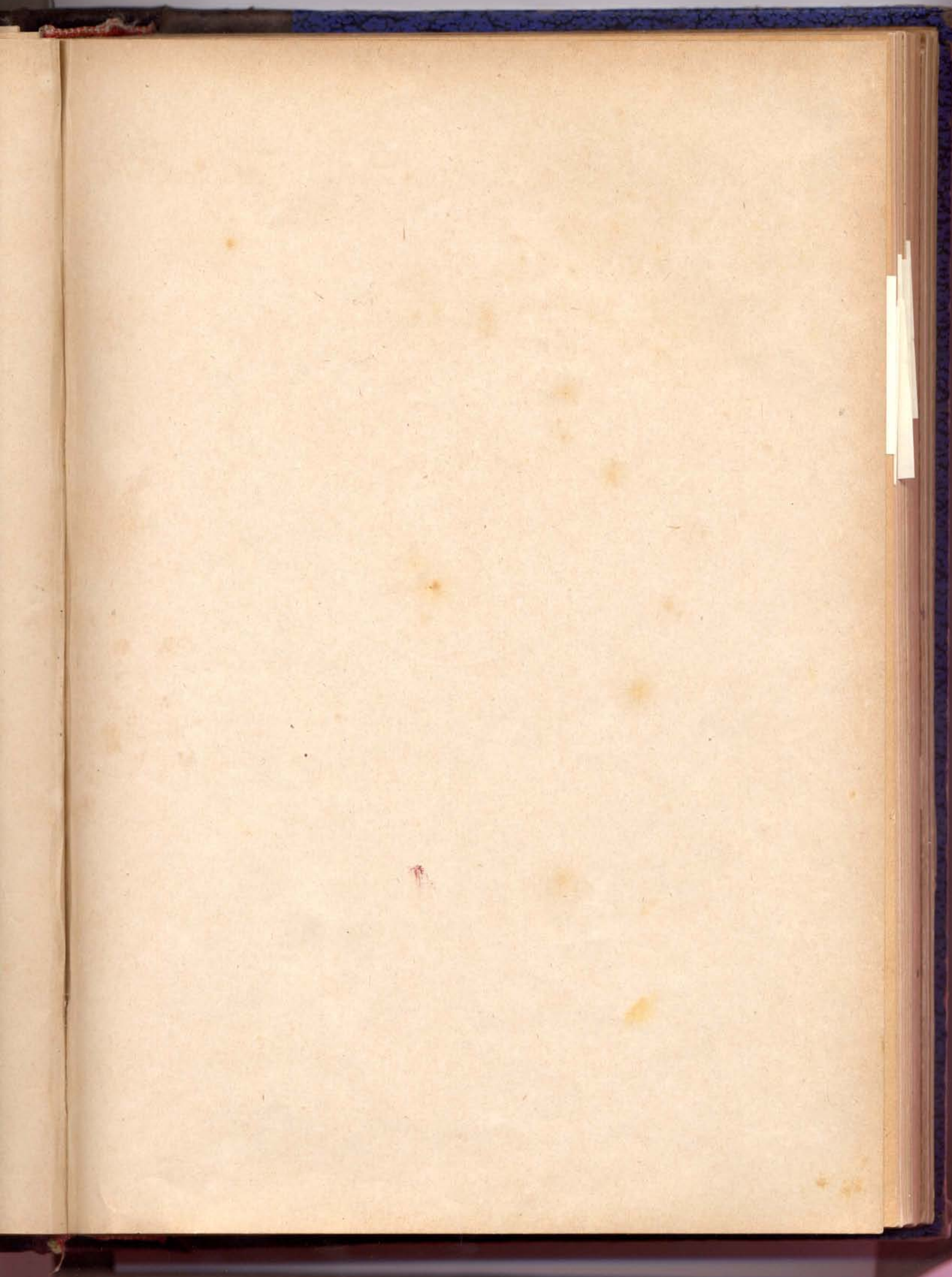
² ROCHA PEIXOTO, *Os cercos*, in *Portugalia*, I, pag. 623. Porto, 1901.

vidada e perdida. O ensinamento resulta mais vivo ao considerarem-se, nos pormenores, os meios e os instrumentos. Os recursos naturaes buscados na abrotea, na carranha, no carquejo, no murraco e na isca; o silex, a lumieira, a pinha e o resineiro; os combustiveis procurados nos intestinos dos peixes e na gordura dos mammiferos domesticos; a mecha embebida em enxofre, tal qual a accendalha romana; a vela enfeitada de promessa, como o facho afestoado hellenico; a calote simples ou com bico, á maneira do lychnos grego; a lucerna inicial, ainda sem disco, e a lucerna de parentesco phenicio; o schema da lucerna romana subsistindo nas transfigurações ultteriores de candeeiro e candeia; a lanterna do padrão já exhumado em Pompeia e Herculanium; os materiaes; os themas decorativos; tudo nos approxima das epochas remotas que, sequer da idade do bronze á antiguidade greco-romana, e principalmente á magnificencia latina, teem ainda entre nós esse echo retardado e longinquo—echo que a illuminação chimica, mineral e electrica mais e mais redusirá, com os tempos, a uma fugaz reminiscencia!

Porto. Agosto, 1902.

ROCHA PEIXOTO.







PE